



**UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB**

AMANDA SANTOS SILVA

O FEMINISMO EM O QUE CONTAM OS SENTIDOS

REDENÇÃO-CEARÁ
2018

AMANDA SANTOS SILVA

O FEMINISMO EM O QUE CONTAM OS SENTIDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Professor: Dr. André Telles do Rosário.

REDENÇÃO-CEARÁ

2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus pela conclusão deste trabalho, a minha mãe por ser um exemplo de mulher guerreira e batalhadora, pois foi através dela que eu me tornei a mulher que sou hoje. A minha irmã Jaine Açucena Pinto Silva, também incluo minhas duas irmãs por parte de pai, Jaiane Bel Martins Silva e Vitória Bezerra Silva.

Ao meu esposo Vinicio Aguiar Façanha pelo companheirismo e paciência, ao meu pai por ter sido para mim uma escola de superação. Também agradeço as minhas tias Isabel Helena Lima Silva, Irismar Rubênia Silva, Ivoneide Lima Silva, a minha avó Isabel Maria de Lima Silva, as minhas primas e, inclusive, em memória de Thaynnan Altamires Sousa Silva e de minha falecida avó Maria dos Santos Pinto.

Em especial, agradeço ao meu primo Isael William Lima Vieira por ter me dado força neste trabalho. Sou grata também ao meu orientador de TCC, o professor André Telles do Rosário por ter me aceitado como orientanda, pela instrução, atenção e paciência. Não esquecendo também da professora Jo Ami, pela boa vontade em me ajudar com a contribuição do material teórico no desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Este projeto pretende realizar a leitura literária feminista de um livro de contos, escritos por professoras e estudantes da UNILAB. Nosso objetivo é ler a obra *O que contam os sentidos* utilizando o conceito de “Feminotopia” (PRATT, 1999) como instrumento para sua observação. O livro é uma junção de obras literárias inseridas em formato de contos, expressados de maneira poética, relacionados aos acontecimentos da vida real. A obra mostra que, ao contarem as histórias, essas pessoas encontraram espaços de sentidos, prazeres, trajetórias e experiências, assim como na feminotopia onde as mulheres do século XIX, ao se depararem com certas situações sentiam essas sensações de liberdade e desejos femininos. Alguns contos da obra foram desenvolvidos por pessoas de ambos os sexos. O livro é acessível ao público geral. Algumas das histórias dos contos descritas por homens são manifestadas sensibilidades naquilo que trazem nas suas narrativas. A feminotopia, pois, é um campo de apropriação feminina, entendida assim pelas mulheres viajantes do século XIX, que utilizaram da literatura de viagem para tratar das experiências de vida das mulheres daquele período.

Palavras – chave: Literatura; Feminotopia; Gênero; UNILAB

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS.....	8
2.1. OBJETIVO GERAL.....	8
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
3. A MULHER NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	9
4. A MULHER NO CAMPO LITERÁRIO.....	14
5. REFLEXÕES SOBRE SITUAÇÕES DE MULHERES NARRADAS EM FORMA DE CONTOS DA OBRA “O QUE CONTAM OS SENTIDOS”.....	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7. CRONOGRAMA.....	25
8. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Observaremos os contos do livro *O que contam os sentidos*, que foi uma obra desenvolvida a partir de um grupo de pesquisa da Unilab, chamado Ateliê, dirigido pela professora Jo Ami. Utilizaremos o conceito de *feminotopia* para pensar dentro do universo de questões do feminino. Desenvolvido por Mary Louise Pratt (1999), trata-se de relatos de autonomia feminina observados por escritoras viajantes durante o século XIX.

Nos contos da obra “O que contam os sentidos”, analisaremos algumas narrativas selecionadas que descrevem situações fictícias, mas que se remetem a realidade de muitas mulheres, do dia a dia das mesmas em contextos diferentes.

No livro “O que contam os sentidos” os autores se identificam com as histórias as quais foram construídas, em contextos que possibilitaram a ligação da literatura com as narrativas dos contos. Esses autores lançam seus olhares sobre diversas situações experienciadas na sociedade, que trazem problematizações do real para dentro dos contos, transformando-os em histórias fictícias com ar de realidade. É uma forma de inspiração que encontraram para desenvolver os contos escritos do livro. Questões apresentadas pelos personagens e pelos cenários que os caracterizam estão relacionadas com a cultura e conseqüentemente se confirmam nos contos, um compartilhamento da escrita entre os participantes, onde cada um passou a expor sua fala coletivamente, contribuindo para o desenvolvimento dessa obra.

O objetivo desse trabalho é entender a mulher no momento atual, a partir de elementos históricos que narram sobre esta no decorrer dos tempos, através da representação feminina, criada por escritoras mulheres, num contexto como o da Unilab, especial porque parte de um projeto educativo, desenvolvido por estudantes universitários que é uma verdadeira intervenção sócio-cultural na região do Maciço de Baturité.

Não posso deixar de mencionar a respeito do lugar de fala. A experiência de que tive com esse trabalho no processo de leitura e aprendizagem dos conteúdos. Precisei me dedicar para desenvolvê-lo. Partiu de experiências as quais eu vivenciei na minha vida através da relação dos meus pais que se

enquadram no cenário de violência desde a infância. Assim como a minha mãe, minha irmã e eu, também fomos vítimas da violência a qual foi exercida pelo meu pai, não somente física, mas moral, patrimonial, verbal e psicológica. De certa forma, esse fator também teve certa influência para a realização deste trabalho.

O presente trabalho teve como metodologia empregada a pesquisa bibliográfica, que foi o método ideal para eu poder realizar o meu trabalho de conclusão de curso. Esse tipo de procedimento foi parte essencial do processo de desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL:

- Fazer uma leitura do livro *O que contam os sentidos* utilizando instrumentos conceituais feministas, tais como a ideia de Feminotopia, da Pratt (1999).

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Relacionar o conceito de Feminotopia com os contos da obra *O que contam os sentidos*.
- Comparar a visão de autoras feministas com as questões contemporâneas trazidas no livro "O que contam os sentidos".
- Problematizar questões sociais patriarcais na busca de compreender os estereótipos atribuídos às mulheres, fazendo referência à feminotopia.

3. A MULHER NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO.

Segundo pesquisas do Mapa da violência de 2015 comprovam que, a cada noventa minutos uma mulher é assassinada no Brasil, a cada quinze segundos mulheres passam por uma nova seção de agressão, espancamento ou tortura. A realidade não é nada fácil para essas mulheres vítimas da violência, pelo fato da conduta machista ser um dos fatores contribuintes a respeito.

Em meio a essa problemática da violência nas relações de gênero, ocasionada pelo surgimento dessa forma de opressão, “Os Estudos Feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder”. (Louro, 2003, p. 37). Esse assunto foi abordado por Louro (2003) na obra “Gênero, Sexualidade e Poder”, onde ela fala sobre o poder em vários campos da sociedade, inclusive em se tratando da mulher e do homem, onde historicamente, o homem assumiu um comportamento superior, enquanto que a mulher foi colocada na posição de subordinada. Isso veio, contudo, a implicar na construção da vitimização e da culpabilidade por parte da própria mulher por tal patamar a qual ficou sujeita a estar, o que ocasionou na estabilidade dessa condição na sociedade sob o olhar do feminismo a esse contexto.

Partimos do princípio de que a violência de gênero é o reflexo da dominação masculina, como fato ocasionado a partir das posições socialmente postas do que seja masculino e feminino. Diante disso, percebemos que a nossa sociedade é ainda hoje patriarcal. Bourdieu (2012). Sobre a dominação masculina, enquanto sendo reprodução da violência de gênero, o mesmo faz a seguinte colocação:

A lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe. (BOURDIEU, 2012, p. 50).

Na perspectiva do sociólogo Pierre Bourdieu, através dessa dominação, a violência simbólica, que é uma das formas de violência que ocorrem na sociedade, opera como reforço (que pode ser duradouro) da “naturalização” acerca da postura propícia que o homem atingiu socialmente sobre a mulher (vindo o feminino a ocupar uma posição de submissão diante do masculino). Dito isso, não passa a ser debatida por parte dos indivíduos essa forma de violência, pois, foi inserido e adotado na consciência do social, o que definiu no seu funcionamento e ordenamento e implicou na atuação de ambos os sexos.

A forma como o sistema ocidental é colocado, se percebe a divisão que ocorre entre o masculino e feminino. A estrutura da família está organizada da forma com que o sistema social exerce sobre ambos os sexos, a mulher enquanto assumindo um papel do lar, no cuidado com as crianças e o homem assumindo o papel de trabalhador fora do espaço doméstico/familiar.

Na sociedade ocorre a construção de um sistema de significados. O gênero passa a ser representado no meio social através de regras que se estabelecem nas relações sociais. A linguagem é um veículo onde se constrói a identidade de gênero. Esse questionamento foi levantado com o auxílio do trabalho: “Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica” de Joan Scott (1989), onde ela reflete sobre o gênero, tomando o patriarcalismo, suas teorias e outras questões relacionadas para explicar a respeito desse sistema, liderado pela influência maior trazida por parte da figura masculina. Ela diz que:

“As teorias do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” do macho dominar as mulheres.” (SCOTT, 1989, p. 9)

No patriarcalismo tem-se a mulher enquanto subordinada pelo homem, a ideia da mulher enquanto um ser agente que reproduz a sua espécie, a mistificação que o homem cria e imagina a respeito da mulher. A sexualidade é apontada como possível fator que proporciona a desigualdade entre os sexos. Já em outras esferas na sociedade, no entanto, as teorias patriarcais não explicam as desigualdades de gênero, segundo Scott (1989).

A violência de gênero contra a mulher é um fato bastante delicado, pelo impacto que traz para a mulher que vive nessa condição, seja por parte do companheiro (geralmente é o principal suspeito responsável por desencadear tal violência) ou não. Essa forma de violência pode ser expressa através de várias formas, psicológica, emocional, física, patrimonial, e moral.

Vários questionamentos sobre a violência contra a mulher inquietam-nos e remetem-nos a reflexões, dentre elas podemos citar: Como a sociedade vê a violência contra a mulher? Quais os mecanismos utilizados pelas mulheres para superar a violência? Como a sociedade percebe o processo de libertação dessa opressão a qual a mulher veio passando ao longo da sua história?

As respostas estão na trajetória, conduta, cultura e demais meios de possibilidades de compreensão, os quais a sociedade passou a se direcionar em seu percurso com a sua dinamicidade, o que trouxe reações (favoráveis e desfavoráveis) nas classes e campos sociais diante desse processo.

A violência de forma geral é um fator resultante no desenrolar de conflitos que ocorrem na sociedade. Podemos citar conflitos, além da questão de gênero, os de classe social, política, financeira, através de movimentos sociais, dentre outros onde o que pode vir a está envolvido é a questão do poder, o qual vem a ser um meio que se faz do uso da violência para punir na sociedade, como forma de protesto, enfim, campos onde a violência pode ser vista como necessária ou não.

É pela autonomia, liberdade, igualdade de direitos que o feminismo vem lutando e resistindo aos entraves que tentam perdurar na história essa violência contra o sexo feminino. Os movimentos formados pelas mulheres buscam condições justas e dignas as mesmas com relação aos homens, o sexo oposto, em direitos, reconhecimentos e valores na sociedade.

Devido a nossa estrutura social ainda se mostrar profundamente patriarcal e machista, acreditam que o feminismo deseja trocar de lugar com os homens e substituir o seu lugar de dominação social, sendo essa uma visão equivocada, o que na verdade, elas querem uma sociedade igualitária e partidária.

O feminismo é um movimento social que está nessa luta por igualdade, mas, como todo movimento social, visa o processo de emancipação e/ou de

libertação, luta contra a estigmatização da figura da mulher em meio à problemática da violência em sua amplitude. Uma das maneiras que o feminismo tem de agir socialmente é através de estudos que embasam a ação social. Parte desses estudos de gênero se dão nos estudos culturais e literários. A feminotopia é um desses conceitos que são instrumentos de ação social, porque procura e observa este lugar que é fruto da cessação ou diminuição da violência contra a mulher.

O papel da mulher é evocado nas discussões de gênero, conceito este que, socialmente, define o masculino e o feminino no campo social e cultural. Gênero é um modelo de classificação na perspectiva de Heilborn (1992).

Gênero é um constructo abstrato, um princípio de classificação que emerge da observação do real, isto é, da natureza: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. [...] ainda que existam certas atividades invariantes em todas as culturas, masculino e feminino possuem significados distintos em cada cultura. (HEILBORN, 1992, p. 4).

O que numa cultura é definido como sendo pertencente ao masculino ou feminino, em outras culturas pode não encaixar na mesma lógica de compreensão e definição acerca dessa questão. Gênero é uma categoria que, voltada para os sexos masculino e feminino, opera através das tarefas que ambos os sexos exercem na prática e naquilo que possuem (os pertences, os objetos) que possuem no meio cultural social em que se inserem, vindo assim a atribuir qualidades distintas aos mesmos.

Argumentando ainda sobre o assunto de gênero, Simone de Beauvoir (1970), autora importante nesse campo, que no século XIX abordou, inclusive, sobre as mulheres identificadas na sociedade como sendo o “segundo sexo”, faz a seguinte observação ao abordar dentro da perspectiva do Materialismo Histórico sobre o masculino e o feminino, ao analisar as visões dos campos econômico, biológico e social, onde: “[...] a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade”. (BEAUVIOR, 1970, p. 73).

Assim como o fator da sexualidade na explicação do que se entende por masculino e feminino, outro ponto também que vem dar ênfase a essa

discussão é a condição econômica da sociedade, o que implicou no desenvolvimento técnico da humanidade.

A sociedade associa a mulher à “fragilidade”, tendo desvantagens sobre o homem na questão da força, resistência, dentre outras características as quais vão permanecendo e que vão sendo repassadas com o passar do tempo.

As ideias estabelecidas na sociedade sobre o homem e a mulher mostram que, por trás dessa lógica (assim como em outros exemplos), o problema que vem a ocasionar é da introjeção do machismo e conseqüentemente do conflito e imposição do gênero, no caso o masculino sobre o feminino.

O homem passa a assumir-se no direito de punir a mulher, enquanto esta acredita que deve obedecer ao homem, devido à sociedade ter normalizado dessa forma. As mulheres chegam ao ponto em que passam a questionar toda essa trajetória a qual veio passando, levando-as, pois, a desenvolver um senso crítico acerca da sua participação, convivência na sociedade e nas questões em que há a participação das mesmas.

4. A MULHER NO CAMPO LITERÁRIO

Se olharmos para a grande maioria das obras literárias, veremos que são escritores homens mais do que mulheres que as criam, principalmente no Brasil. No passado a questão era ainda pior, é muito difícil, por exemplo, encontrar escritoras no cânone romântico.

Nessa condição patriarcal, o homem é o predador e a mulher é a procriadora, diante disso, percebemos que a construção do sujeito masculino está atrelado a construção desse outro que se declina, ou seja, a mulher, e que muitas vezes não é vista como sujeito em seu próprio direito, mas sim como um objeto.

No século XIX as mulheres não circulavam muito pelo espaço público, não tinham direito a fala, ao voto, assim como a representarem-se autonomamente. A sociedade da época era fortemente marcada pelo patriarcalismo, a figura feminina esteve ideologicamente submissa ao homem.

Na literatura, as mulheres também demoraram a conseguir um reconhecimento. Em uma folheada nos livros de literatura podemos ver que raramente as escritoras são citadas e quando o são, a referência é feita em poucas linhas, ou seja, de forma superficial. Ainda no referido século havia uma grande divisão entre o espaço doméstico e o espaço público, no entanto é nesse cenário privado que elas sentiam mais de perto a realidade de um país escravocrata e patriarcal.

O surgimento de escritoras ocorre principalmente a partir do século XIX, pois, até então as mulheres não podiam exercer nenhum tipo de atividade intelectual ou cultural, os ofícios designados a elas eram os afazeres domésticos, porém, as mesmas não se limitaram a ser apenas a “dona da casa”. Diante dessa observação, se pararmos para pensar, as mulheres que eram instruídas a cuidar da casa tinham tempo para aprender a desenvolver o estudo literário, trazendo em discussão questões que elas sofriam no cotidiano.

No texto “Política e Feminotopias”, Pratt (1999), veio abordar a questão do entendimento da política para Graham e Tristan, mulheres europeias situadas num campo de batalha, onde esse espaço de guerra foi um fator

contribuinte na construção das histórias oficiais. Ambas circularam na elite política em um cenário de conflitos.

Flora Tristan foi uma socialista, ativista, feminista do século XIX, a qual sua vida foi interessante por uma série de fatores, um desses fatores foi o de ela ter sido atravessada por situações diretas de violência como, por exemplo, a de quando seu marido tentou matá-la. Então desde cedo, a condição de vida dela levava-a a entender que as circunstâncias eram muito mais difíceis para as mulheres do que para os homens, e o interessante desse olhar que surgiu da experiência de vida da Flora é de que isso se reflete principalmente em seu trabalho como escritora. Ela realizou uma observação em suas obras acerca desse exemplo de feminismo militarista em que assumiu uma postura de liderança.

“Tristan desenvolveu a ambição de se tornar uma ativista política. Para sua transformação foi crucial uma das mais dramáticas figuras da vida pública peruana, *Doña Pencha*, mulher de Augustin Gamarra, presidente do Peru de 1829 a 1833. Mulher extraordinária e ambiciosa, dizia-se que *Doña Pencha* dirigira o país durante o mandato de seu marido. De capote e culotes, a cavalo, ela liderou uma campanha militar para resistir a um golpe contra o homem que ela havia escolhido para substituí-lo.” PRATT, 1999, p.285)

Flora Tristan viajou ao Peru por volta de 1833 e 1834 em busca de uma suposta herança de seu pai, onde ao chegar à América do sul ela se deparou com situações de opressões, questões raciais, de classe e diante disso ela iniciou sua crítica literária a partir de relatos de viagem, literatura, a qual até então era voltada para homens. Assim, afirma Rosário que:

“Além do ativismo político de seus últimos anos de vida, Flora Tristan (1803-1844) ficou conhecida em sua época como escritora de memórias de viagens, um romance utópico e variados comentários sociais. Hoje, é lida e relida como uma pensadora que fez a ponte entre o socialismo “utópico” e o “científico” e ajudou a fundar as bases da moderna teoria feminista. (ROSÁRIO, 2009, p. 115).

Thomas Morus¹ (século XVI) nos deixou uma obra onde ele criou uma expressão nova a partir do grego “u” que significa negação e “tópous” que significa lugar, ou seja, o lugar de negação. A utopia de Thomas Morus foi uma ilha onde os cidadãos viviam em perfeita harmonia, um lugar para caracterizar um período que viria depois a ser um período marcado pelo perfeito progresso de uma ilha maravilhosa.

Diante disso, suponho que a utopia funciona como uma maneira de corrigir o momento real atual, estabelecendo a proposta de um melhoramento, pois se nós não desejamos uma sociedade perfeita nós não alcançamos melhoria no meio social. Dessa obra literária de Morus ficou o conceito de utopia, que na política é o desejo de construção de uma sociedade mais justa em diversos aspectos.

Sendo assim, Flora é considerada uma socialista utópica por ser uma ativista política, a qual começa a olhar para a realidade em que aquelas pessoas da época viviam, principalmente no que diz respeito às mulheres. A autora passou a criticar essa realidade, apropriando-se de uma literatura de viagem que propunha quais seriam as características de uma sociedade ideal, das quais as mulheres teriam seus direitos essenciais garantidos.

“Assim, desde o início do conceito *utopia*, como se pôde ver, a imaginação utiliza a literatura de viagem para sugerir novos modelos de convívio social, colocando os hábitos europeus em negativo, através do que seria o encontro com outras maneiras de se organizar politicamente um determinado território.” (ROSÁRIO, 2009, pág.113).

Voltando para o texto “Política e Feminotopias”, Mary Louise Pratt (1999) veio a falar de quando Flora chegou à cidade de Lima e se deparou com as *limeñas*, mulheres que tinham um estilo de vestimenta diferente, o *saya y manto*. Flora enxergou essa roupa como uma espécie de liberdade e independência vivida pelas mulheres de Lima e fez um relato diferente daqueles anteriores feito por autores do sexo masculino, descrito por Rosário.

¹ Informação extraída do link: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/utopia-obra-de-thomas-more-propoe-sociedade-alternativa-e-perfeita.htm>.

“E é de uma maneira bastante sensível ao feminismo que sua análise das lamenhas contrapõe de maneira exemplar relatos masculinos anteriores, ao se ater às suas vestimentas, e compreendê-las a partir das necessidades e vantagens locais que sua maneira de se vestir proporciona. Enquanto outros autores criticavam o *saya y manto* como uma rudeza das mulheres do lugar, Flora foi capaz de enxergar tais costumes como cruciais para sua liberdade social e sexual”. (ROSÁRIO, 2009, pág.128).

Outra situação que chamou atenção de Tristan, a respeito da posição feminina no contexto de guerra foi a atuação das raboras, mulheres que demonstravam bravura, resistência e objetividade ao estarem ocupando uma posição de superioridade em uma sociedade primitiva a qual faziam parte.

A autora fez uma comparação desses povos primitivos com os povos civilizados, onde ela viu a possibilidade de similaridade entre ambos, no entanto, através da necessidade de que venham a ser civilizados esses povos primitivos, onde para a autora esperou-se que, em algum momento histórico, essa questão seja realizada em forma de experimento.

Tristan percebeu nas raboras uma compreensão feminocêntrica que passou a ser por ela entendida. Ela colocou também a questão da pendência que tem para com a construção do ideal de poder atribuído ao feminino, reproduzidos pelo evento histórico que foi a Revolução Francesa e por parte do feminismo oriundo.

Esses exemplos de mulheres colocadas por Graham evidenciaram exemplos idealizados de “feminotopia”, assim como de vontade própria e interesses femininos particulares. Flora Tristan e Maria Graham foram os primeiros exemplos de mulheres que viajaram da Europa para a América Hispânica. Os trabalhos desenvolvidos por ambas tiveram notoriedade na metade do século XIX.

“Os relatos das duas mulheres também incluem construções elaboradas do que poderia ser adequadamente chamado de “feminotopias”. Estes são episódios que apresentam mundos idealizados de autonomia, poder e prazer femininos”. (PRATT, 1999, p.286).

Flora intensificou sua luta a favor dos operários e das mulheres, ela lutava pelos direitos a favor da condição feminina como vítima de um sistema patriarcal que contribuía para a situação de opressão vivenciada na sociedade.

A mulher não tinha oportunidade de se situar em um espaço político próprio e, por outro lado, também não se sentia capacitada para lutar por seu direito de ser sujeito na sociedade. Em 1840 Flora publicou seu livro “Passeios em Londres” e no prefácio a autora escreve: “Em 1839 encontrei em Londres uma miséria profunda no povo, a irritação era extrema e o descontentamento geral”.

Sendo assim, se pode dizer com certeza que as mulheres contribuíram intensificamente para suas próprias representações femininas nos espaços culturais e sociais, trazendo também em discussão a questão da valorização. Se nutre a ideologia dominante que faz com que a voz do homem tenha mais relevância que a da mulher, abrindo uma indagação sobre o reconhecimento que atribui valor apenas para os escritos de autores do sexo masculino, valores literários, estéticos e sociais, uma vez que os escritos das mulheres já no século XIX eram comercializados como literatura, mas sofriam preconceitos.

5. REFLEXÕES SOBRE SITUAÇÕES DE MULHERES NARRADAS EM FORMA DE CONTOS DA OBRA “O QUE CONTAM OS SENTIDOS”

“O que contam os sentidos” é um livro composto por contos de diversos autores, decorrente de uma oficina ministrada pela professora da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB, Jo A-mi. Essa obra foi publicada no ano de 2016 e teve como tema a seguinte pergunta: “Escrever para quê?”.

Jo A-mi é uma artista visual, escritora e educadora. Como artista visual, ela participou de exposições e instalações que foram feitas coletivamente. Como escritora, publicou a obra “Cor Adormecida” em 2012 e em 2016, decorrido de uma oficina do grupo de pesquisa Ateliê (grupo de pesquisas e estudos interartes), na Unilab, ela publicou o livro “o que contam os sentidos”. Atualmente ela trabalha com pesquisas e projetos de extensão, é professora da Unilab-CE, do curso de licenciatura em Letras-Português e nos seus projetos de pesquisa ela trabalha nas áreas de literatura, artes visuais e gênero.

A oficina de escrita foi coordenada e ministrada pela professora JoA-mi, na Unilab de Redenção-CE, onde fica situado o Campus da Liberdade, teve como tema inicial proposto a pergunta: “Escrever para quê?”, no intuito de, à partir dessa pergunta, os inscitos desenvolverem na escrita suas ideias, que por fim, tornou-se interessante a ponto de enxergarem nesse trabalho uma oportunidade de publicá-lo como uma obra literária.

O livro “ O que contam os sentidos” é composto por um total de dezoito contos, sendo nove escrito por mulheres e nove escritos por homens, sendo que, quatorze desses contos são compostos por alunos do curso de licenciatura em Letras-Português, um conto desenvolvido por um aluno do curso de Administração Pública, e os outros três são escritos por três docentes, sendo que, duas são mulheres e um homem, todos da mesma instituição acadêmica Unilab-CE. As questões abordadas nos contos são diversificadas e ao serem lidas nos trazem um teor de realidade, contudo, resolvemos selecionar três dos contos dos quais trazem assuntos voltados ao feminino, com o intuito de relacionar as histórias contadas nos contos com o conceito de feminotopia da Pratt.

Nessa oficina, todos os inscritos tiveram que criar uma história, e diante dessas criações resolveu-se juntar esses contos, dando criação à obra. Cada conto é único, onde relata a respeito de vivências, cotidianos e sentimentos dos quais envolvem o leitor. Diante disso, resolvi selecionar e analisar três contos os quais me chamaram mais atenção.

No conto chamado “Entrelinhas”, escrito por Rosa Maria Menezes (Rosália Menezes). A autora descreve a rotina de uma professora no seu percurso até a estação de trem, local onde a mesma tem o costume de pegar o transporte para ir ao trabalho.

No entanto, no decorrer do conto, há um momento em que a autora conta que há um estranho. Este se senta ao seu lado, cospe no chão e lhe dirige um olhar sério, mal encarado.

Nesse ponto do conto eu percebo certa predominância por parte do comportamento apresentado pelo homem, O modo como ele olha para a professora chega a ser ameaçador e intimidador. Na sociedade em que vivemos, geralmente, o homem se mostra em posição de certa “libertinagem” diante da mulher. Vivemos num corpo social enraizado em estereótipos acerca da mulher e do homem.

Outra situação desse mesmo conto foi o momento em que um rapaz senta ao lado da professora, que, por apresentar estar impaciente, devido o tempo de espera pelo trem e irritada por não saber a hora, o rapaz se aproxima e a impressiona quando retira do bolso um relógio, como se estivesse adivinhando o pensamento dela. Após isso eles começam a conversar e a professora fica encantada pelo moço, logo ele tira da bolsa um livro sobre leitura de mãos e fala que estuda aquela ciência. Nessa ocasião ele pede a mão dela para ler, assim ele descobre um desejo que a professora tinha que era o de beijar um estranho, porém, pelo que parece, nunca teve coragem para tal feito, sendo assim, o rapaz lhe pede um beijo.

Mas o porquê disso tudo? Talvez pela noção socialmente construída de que o homem é quem deve ter a iniciativa diante de um ato de interesse, que pode acontecer também em outros contextos e espaços.

Precisou que o rapaz decifrasse seu anseio e tomasse a iniciativa para que então seu desejo se realizasse e o beijo acontecesse. Provavelmente por

causa da definição de mulher imposta pela cultura social implantada a nós, impondo que a mulher não pode ter ousadia, ela tem que ser delicada, frágil e sensível. Assim sendo, esse conto me trouxe essa observação a respeito da supremacia do homem em relação à mulher com o intuito de pensar na desconstrução desses estereótipos referentes à definição do feminino.

O conto “Das Dores”, vem narrar à dificuldade de Das Dores, mulher que vivia numa cidade do interior de Alagoas, da qual os moradores sobreviviam da cana-de-açúcar e onde os homens daquela região tinham que se retirar do interior para a cidade, pela falta de emprego no interior.

Acredito que, a ausência do esposo de Das Dores no meio familiar se deu com o objetivo de trazer algum sustento para a família, viu-se obrigado a se ausentar do lar. Das Dores e seus filhos sobreviviam do pouco que tinham e da forma como era possível viver.

Há um momento no conto onde ela fala que enquanto matriculava as crianças na escola a primeira coisa da qual fazia era perguntar se a escola dava merenda. O conto narrado traz à tona situações vivenciadas no cotidiano de muitas famílias da classe de baixa e/ou extrema pobreza.

O retrato da condição da cidade do interior de Alagoas se remete também às demais cidades interioranas, como é descrita a figura do homem e da mulher. Dona Das Dores permanecia no seio familiar, cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e do marido (quando este se fazia presente), mesmo ele sendo um homem frio e ausente (mesmo quando estava ali presente), e de certa forma, a mulher tinha que se submeter a tudo aquilo, ainda que tivesse pensamentos de não mais querer aquele casamento, tendo em vista que existia um domínio religioso e patriarcal.

O terceiro conto analisado foi o conto, “Vidas interrompidas”, escrito por Rafaelle Barbosa, é um conto comovente, no qual retrata a vida de uma universitária que sofreu abuso sexual, o que resultou numa gravidez. Ela vive um trauma que a faz se envergonhar diante da sociedade a tal ponto que ela deixa de lado a universidade, se afasta dos círculos de amizade e se prende no lar. E depois dela conseguir superar aquela dor, aceitar a gravidez e resolver voltar a estudar e a viver, no fim, ela é atropelada e morre.

O conto explana um fato bastante ocorrente na sociedade que é a violência e o abuso sexual contra a mulher. O abuso sexual é uma forma de prática de violência que gera vários efeitos negativos à mulher que muitas vezes compromete a sua vida. Para uma pessoa que sofre o abuso sexual, é constrangedor tornar público tal acontecimento (se expor), e é muito doloroso rememorar essas situações de traumas, que para a personagem, foi preciso passar por um processo de aceitação e necessidade de reorganizar a própria vida diante do fato ocorrido.

Por outro lado, no conto “entrelinhas” é possível ver a presença da Feminotopia, pela professora ter vivido algo do qual ela tinha vontade de realizar, mesmo tendo sido por parte da iniciativa do rapaz, ela se entregou aquele momento sem receio de viver o romance daquela tarde, sendo que, nos outros dois contos já não há elementos presentes da feminotopia, por serem retratadas situações de duas mulheres que passaram por submissão, sofrimento e opressão. No caso de Das Dores, em que, mesmo pensando em deixar o marido. se submetia a tudo que sofria, por sentir que era uma obrigação manter aquele casamento, ainda que infeliz, e no outro conto, a garota que sofre uma violência abusiva, o que acarretou numa gravidez não desejada, após a superação desse problema, tem um fim trágico, sendo vítima de um atropelamento.

Trazendo esses contos para o conceito de feminotopia, percebemos que, ao estudar o livro “O que contam os sentidos” e Política e Feminotopias”, venho buscando sensibilizar o olhar diante dos fatos para compreender como as mulheres são posicionadas nesses espaços, relatados tanto nos campos de conflito quanto nos contextos das narrativas dos contos, com o intuito de poder desconstruir esses estereótipos acerca das mulheres em cada posição específica.

No século XIX, por exemplo, raras mulheres realizavam trabalho literário e estas, como no caso da Tristan, já lutavam pelo seu espaço literário e pela igualdade de gênero, a mulher que sempre foi limitada a certos direitos e certas oportunidades. Hoje podemos ver produções de textos feito por mulheres, onde elas abordam situações cotidianas em que elas mesmas mostram o olhar que têm acerca delas enquanto mulheres, o que vivenciam diariamente e os

desafios para lidar com o sistema que em sua grande maioria é operado pela participação masculina.

A ausência das mulheres no espaço literário acabou abrindo um lugar para uma história única, atualmente conseguimos ver outros pontos de vista, então essa discussão à cerca da mulher na literatura é precisamente para dizer que todos têm direito de contar histórias, as mulheres têm direito de contar histórias.

A literatura feita por mulheres é diferente, é feita por uma voz diferente, voz essa que por muito tempo a sociedade se recusou a ouvir, por isso, quando ela vem, ela surpreende por ser uma voz rica e diversa, que traz questões reais, relatos de lutas, de busca por representatividade em espaços dos quais lhe foram negados.

Situações diárias onde elas percebem atitudes, comportamentos, ações do sexo oposto sobre as mesmas, elas notam essas questões e com isso compartilham, tornam visíveis, provocam reflexões que as fazem sair da postura passiva, a qual no passado muitas se encontravam para uma posição de autonomia, exercício próprio.

As mulheres contemporâneas se apropriam dessas abordagens sobre o gênero de forma consciente, estão buscando a cada dia que passa conhecerem mais sobre essas discussões que antes não era percebido nessa complexidade.

Refletindo sobre essas questões colocadas, tanto dos contos quanto do texto, são discussões que apresentam variados tipos de feminino, posições, ocupações e contextos diversificados dessas mulheres, algumas assumindo a postura de protagonistas, outras, personagens comuns do cotidiano, ou seja, lugares de femininos ocorrentes na história. Suponho que a feminotopia vem abordar sobre essa diversidade, essa variedade do feminino, podendo, pois, associar a mulher do século XIX a mulher do atual século.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda vivemos numa cultura bastante conservadora e patriarcal e os efeitos disso não estão só na literatura, mas também no meio social. Hoje vemos os efeitos desse conservadorismo patriarcal, que muitas vezes chega a assumir posturas radicais como, por exemplo, a violência contra a mulher.

Se olharmos para a história da literatura vivida por mulheres, essa violência que antes não era compreensível de modo aprofundado, hoje passa-se a ter mais clareza, visto que, passa por toda uma trajetória onde, na verdade, essa violência sempre esteve presente.

A sociedade historicamente tratou a violência contra a mulher como uma situação “normal”, ou seja, “varreu para debaixo do tapete”, não só direcionada as mulheres, podemos citar também contra o negro e etc, consequência da cultura patriarcal que perdurou durante muito tempo e ainda hoje ocorre.

Ainda vivenciamos uma sociedade bastante problemática em que se predomina o masculino, principalmente em espaços de poder. Desse modo, acredito que o empoderamento feminino é um dos caminhos para a igualdade de gênero e para a desconstrução desses paradigmas impostos pela cultura patriarcal.

Suponho que a violência de gênero perpassa todas as classes sociais, raças e etc. Na realidade, a violência contra a mulher ocorre na grande maioria das vezes contra mulheres negras. Cenários que apresentam sérias condições adversas como, por exemplo, a pobreza, a falta de recursos, dentre outros problemas, contribuem para que a mulher negra seja alvo fácil da violência.

Ser mulher é ter a capacidade de exercer autonomia própria e conhecer a sua historicidade na sociedade, não somente vivenciar as adversidades para, a partir daí, recorrer à própria voz em prol do seu reconhecimento. Observar as representações femininas atuais que estão sendo criadas através da Unilab e estão circulando em livro, isso tudo é uma maneira de jogar luz e conversar sobre um tema fundamental para uma vida mais igualitária na sociedade em que vivemos.

7. CRONOGRAMA

O trabalho deverá estar concluído até Novembro de 2021, seguindo o seguinte calendário de atividades.

Meses/Ano Eventos	1º Sem. 2019	2º Sem. 2019	1º Sem. 2020	2º Sem. 2020	1º Sem. 2021	2º Sem. 2021
Revisão de Literatura	X					
Elaboração do Projeto		X	X			
Coleta de dados			X	X		
Estudo Bibliográfico				X		
Produção final do texto					X	
Revisão do trabalho						X
Redação da Monografia e Apresentação						X

8. REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo, 4ª Ed. Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 11ª ed, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2012.

CÂNDIDO, Marcia Rangel. DAFLON, Verônica Toste. **Dossiê especial Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**. Clássicas. v.6, n. 11, 2017.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Usos e Abusos da Categoria Gênero”** In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org). *“Y Nosotras latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça”*. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992, p. 39-44.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.

O que contam os sentidos. / Apresentação Maria Rosa Meneses; Prefácio Jo-Ami. – Fortaleza: Arte Visual Gráfica, 2016.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999. (Páginas 304 a 316).

ROSÁRIO, André Telles do. **Literatura de viagem e projetos utópicos feministas: Flora Tristan e o Peru**. Revista Investigações, vol. 22, nº 1, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: a useful category of historical analyses. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.

Homicídio de mulheres no Brasil. Mapa da Violência, 2015.